

Este número dos *Arquivos* registra a passagem de um ano particularmente trágico para o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Trágico pelo contexto nacional, no qual as dificuldades financeiras e políticas enfrentadas pelas instituições federais de ensino se somem à pandemia que assola o Brasil como o restante do mundo. Esta ilustra tragicamente o fato que a humanidade ainda não dominou a natureza – um lembrete que cabe justamente aos Museus de História Natural não deixar seus visitantes esquecer mais. A ameaça da COVID-19 afetou profundamente as atividades de pesquisa e extensão, impedindo a abertura aos visitantes e limitando drasticamente as condições de acesso aos laboratórios para os pesquisadores, bolsistas e estagiários. Enquanto isto, os funcionários apenas mantêm um rodízio presencial, embora continuando realizando muitas tarefas desde seus respectivos domicílios. No cotidiano, são as pessoas terceirizadas que mantêm a permanência da presença humana no espaço do jardim botânico. Podia-se, contudo, esperar que o Museu pudesse, incólume, recuperar seu papel educativo e científico após longos meses de latência. Infelizmente, o início do ano 2020 foi marcado pelo trágico incêndio que destruiu totalmente o acervo arqueológico de matérias orgânicas, além de danificar parcialmente coleções de zoologia, etnografia e arte popular: o Museu, quando abrir de novo, já não será o mesmo dantes.

Diretamente implicado nas pesquisas que reuniram a maior parte do acervo arqueológico do Museu, o autor destas linhas viu assim desaparecer os restos materiais de decênios de labor em campo e em laboratório. Assim como ocorre entre seus colaboradores, a dor de perder um acervo que foi retirado da terra onde se tinha preservado durante séculos e milênios é acompanhada pela angústia de pensar que se tivéssemos deixado estes vestígios na matriz mineral onde repousavam, ainda estariam intactos, aguardando pesquisas futuras mais eficientes e um acondicionamento final mais seguro num contexto político que queremos esperar mais favorável à cultura e a ciência. Esta desolação é certamente compartilhada com nossos colegas e amigos do Museu Nacional que sofreram o mesmo desastre

com pouco mais de um ano de intervalo. Ela só está parcialmente mitigada pelo fato de que muito do material destruído já tinha sido pesquisado e publicado – embora poderia ser no futuro estudado de novo com novas técnicas e a partir de novas abordagens.

Contudo, não se pode apenas lastimar as tragédias, é preciso superá-las. O texto “Depois do fogo: ações e reações do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG ao incêndio na Reserva Técnica 1” de autoria de André Leandro Silva, Andrei Isnardis Horta, Mariana Petry Cabral e Mariana de Oliveira Lacerda documenta a pesquisa de resgate realizada por uma equipe do Museu. Os autores também refletem sobre as lições a serem tiradas do incêndio, que segundo eles deve provocar “uma contínua reflexão sobre o que houve, o que deve ser feito, e o que virá pela frente”.

O artigo “Ontogenetic variation in morphology and mortality rate of the galler *Baccharopelma dracunculifoliae* (Hemiptera: Psyllidae)”, de autoria de Milton Barbosa, Bruno Gini Madeira e G. Wilson Fernandes, estuda a dinâmica populacional de insetos herbívoros de espécies indutoras de galhas em vegetais de Belo Horizonte. Para tanto esmiúçam as relações entre as plantas, os insetos filófagos e seus predadores.

Escrito por Milton Barbosa, Frederico Siqueira Neves, G. Wilson Fernandes, Pablo Cuevas-Reyes, André Quintino e Arturo Sanchez-Azofeifa, o artigo “Canopy herbivory and succession in a Brazilian tropical seasonally dry forest” analisa o padrão de herbivoria por insetos na copa de mais de uma centena de árvores em várias áreas de estágios intermediário ou tardio de sucessão na floresta sazonalmente seca da Serra do Cipó (Minas Gerais). Em cada tipo de ambiente foi medida a intensidade de ação dos mastigadores de seiva, dos sugadores e a densidade de galhas. Os resultados da observação são comparados com os estudos clássicos realizados em matas temperadas. O artigo seguinte “Das indicações e precauções de uso medicinal de espécies botânicas nos escritos de Piso e Marcgrave”, escrito por Maria Franco Trindade Medeiros e Ruana Carolina da Silva, compara as indicações e contra-indicações de plantas medicinais que

o médico e o naturalista holandeses Willem Pies e Georg Marggraf (Piso e Marcgrave, em português) propõem para as plantas do litoral nordestino do Brasil. Notam que se tratam sobretudo de raízes e frutas, enquanto a farmacopeia popular atual utiliza preferencialmente as folhas. Em perspectiva de etnobotânica histórica, poderia se sugerir para futuros estudos, a consulta comparativa do livro de Pio Correa “Dicionário das plantas úteis do Brasil”, que apresentam uma fase de utilização popular intermediária entre o registro de Piso e Marcgrave e a farmacopeia moderna do século XXI.

Ao apresentar o artigo “O conceito de ruína nas coleções dos museus de ciências e história natural”, Mário Sousa Júnior salienta perguntas essenciais para quem reflete sobre o papel dos Museus na preservação de obras de arte, de coleções de história natural, de documentos antropológicos e vestígios arqueológicos: “Até que ponto a degradação pode ser paralisada pela conservação e/ou restauração?” E também: “Por que seguimos armazenando e conservando objetos que perderam seus significados originais? Até que ponto a perda da matéria pode se aproximar da perda da informação quando seus significados deixaram de existir?”. A seguir apresenta um breve histórico da museologia e da conservação no Brasil.

Os dois textos seguintes homenageiam Heinz Charles Kohler, um professor que teve grande importância para o Museu de História Natural e para o Instituto de Geociências da UFMG nos anos de 1970 e 1980. Um deles associa a esta homenagem a pesquisadora Maria Léa Salgado Labouriau.

Conheci o geomorfólogo Heinz Kohler em 1974, quando seu orientador paulista, o pedólogo J. P. de Queiroz Neto, colaborava com a Missão Franco-brasileira de Lagoa Santa. No final do ano de 1975, estávamos ambos contratados pela UFMG, e ambos nos instalamos em Belo Horizonte, ao mesmo tempo que o nosso colega geólogo Joël Quemeneur. Nós três residimos inicialmente no hotel Itatiaia, nascendo então uma duradoura e profunda amizade. H. Kohler e eu ficamos também vizinhos de trabalho ao instalarmos nossos respectivos laboratórios no Museu de História Natural,

onde passávamos a maior parte do nosso tempo de trabalho fora dos horários letivos. Logo solicitei que ele colaborasse às nossas pesquisas, inicialmente na Serra do Cipó e, a seguir, no vale do Rio Peruaçu. Como professor, formou estudantes (Maria Tereza Moura e L. Betoven Piló, M. G. Parizzi) que passaram também a trabalhar em carstologia e, de forma intensiva ou casual, a apoiar pesquisas de arqueologia pré-históricas minhas e/ou de Walter Alves Neves. O texto da palinóloga Maria Giovana Parizzi é um tributo aos professores Heinz Charles Kohler e Maria Léa Salgado Labouriau, que orientaram seu projeto “Gênese e Dinâmica da Lagoa Santa, MG”. É para mim uma feliz associação, já que tenho uma grande admiração para Maria Lea Labouriau, cuja casa em Belo Horizonte cheguei a frequentar antes de ela se mudar para Brasília. Por coincidência, minha esposa, que montou o laboratório de palinologia do MHNJB-UFMG, chegou a ser a primeira pessoa a comprar o livro que a dra. Labouriau publicou sobre os pólenes do cerrado, antes mesmo que os volumes saíssem da editora.

Em seu texto “Os pontos altos na trajetória científica de Heinz Charles Kohler (1945-2010) no carste e sua contribuição para o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Luiz Eduardo Panisset Travassos, por sua vez, salienta a contribuição fundamental de H. C. Kohler na criação de uma área específica de estudos em carstologia no Brasil, formando diversos especialistas que contribuíram a colocar o país em posição de destaque no cenário da espeleologia internacional.

Não é comum que se publiquem resenhas de textos publicados há já vários anos. Contudo, nos pareceu importante divulgar no Brasil a obra “The Nature of Paleolithic Art”, de R. Dale Guthrie, que passou despercebida dos pesquisadores latino-americanos e de boa parte dos pré-historiadores dos demais continentes quando publicado em 2005. Eu mesmo não tinha prestado atenção a este livro até que Fabio Parenti me recomendou sua leitura. Sugeri então que fosse feita uma apresentação deste rico documento, que não pretende nem apoiar nem criticar as teorias existentes sobre a arte paleolítica

européia, mas faz refletir sobre elas e sobre as razões adaptativas que levaram à emergência da “arte” na atual espécie humana. Este livro apresenta o ponto de vista de um paleontólogo que é, ao mesmo tempo, um caçador experiente no ambiente do Ártico.

F. Parenti sugeriu confiar esta incumbência a Nicolle Guedes Lazzaretti. À sua análise detalhada, achei interessante acrescentar algumas reflexões a partir da minha visão de pré-historiador formado no ambiente europeu.

Além do texto já comentado que trata do incêndio de parte das nossas reservas, a seção *Notícias do Museu* comporta uma apresentação, por Laibe Batista Lacerda e Mário Sousa Júnior, dos trabalhos de preservação e conservação do acervo documental relacionado a uma obra de arte popular famosa de Belo Horizonte, o Presépio do Pipiripau. Sinal deste tempo de COVID, o presépio, normalmente visitado por milhares de pessoas na época do Natal, foi acessível apenas a um número reduzido de visitantes e durante um tempo limitado. Esperamos que, no próximo Natal, a reabertura deste monumento popular marque a volta definitiva à vida “normal” na capital mineira.

*André Prous.*